

Literatura Brasileira de Expressão Alemã

www.martiusstaden.org.br

PROJETO DE PESQUISA COLETIVA

Coordenação geral: Celeste Ribeiro de Sousa

ANNA BROCKES

1852-1940

(Celeste Ribeiro de Sousa)

2012

O bem paga-se com bem?*

Anna Brockes

Uma certa vez, um jovem saiu à procura da égua de seu pai. Com passos leves e silenciosos partiu. Embrenhou-se por atalhos quase irreconhecíveis, cobertos de Capim-Provisorio. Escalou encostas íngremes, onde, por entre ralas gramíneas resistentes, luziam Bromélias vermelhas como grandes estrelas esparramadas rente ao chão, e os pequenos cactos espinhentos sugeriam cautela. Seguindo por uma ampla Chapada árida, no rasto das pegadas dos cavalos, deparou-se de repente com um jacaré à sua frente. "Ai! Um Jacarezinho! Como será que ele se perdeu nesta Chapada tão árida? O pobre animalzinho vai morrer de sede aqui". Compadecido, apanhou o animal nos braços e levou-o até o rio lá longe, onde o largou. Feliz, o jacaré pôs-se a nadar.

Passados muitos anos, o jovem, agora já crescido, foi ao mesmo grande rio, onde outrora deixara o pequeno jacaré. Ele queria atravessar para a outra margem, para ir a uma festa. Porém, não havia Canoa alguma ali, e seus chamados pelo canoeiro eram em vão. Já se virava para ir-se embora, quando um barulho se fez ouvir

* Tradução de Jael Glauce da Fonseca. Brockes, Anna. *O bem paga-se com bem?* Texto inédito encontrado no Arquivo do Instituto Martius-Staden. Revisão: Celeste Ribeiro de Sousa.

às suas costas. –“Por que vai voltar? Venha, suba em minhas costas, eu o levo até a outra margem!” Ao volver-se, viu um grande Arurá (Jacaré) com a cabeça horrível para fora d’água. Assustado, deu um salto e fugiu a passos largos margem acima. “Por que você está com tanto medo?” exclamou o Arurá. “Você já não me conhece mais? Eu sou o pequeno Jacaré que você, um dia, trouxe da grande Chapada e largou neste rio. Naquela época, você salvou a minha vida, por causa disso, agora vou levá-lo em segurança até a outra margem”. Então, o rapaz sentou-se confiante sobre as costas do Arurá que se pôs a nadar no meio da correnteza. Porém, em vez, de direcionar-se para outra margem, seguiu correnteza abaixo. – “Mas, querido Arurá”, disse o rapaz, - “Você está indo na direção errada. Vire um pouco mais para a esquerda, caso contrário não chegaremos ao outro lado da margem!” O Arurá, então, começou a nadar mais lentamente, mas nem por isso se aproximavam da outra margem, continuando a descer com rapidez, levados pela correnteza. “Arurá! O que você está tramando?”, gritou o rapaz, já com medo. “Vire para a esquerda e leve-me, por favor, para terra!” Mas o Arurá continuava a nadar cada vez mais rápido, rio abaixo. “Oh! Arurá falso”, reclamou o rapaz. “Não lhe salvei eu a vida outrora, quando estava indefeso na Chapada árida? O Bem, afinal, se paga com o Bem”. “Ouça”, disse o Arurá, “vamos perguntar isso às três primeiras criaturas que encontrarmos, e basta uma delas responder que o bem se paga com o bem, que eu o deixo na outra margem, mas se isso não acontecer, você morrerá”. E continuou a nadar mais rapidamente correnteza abaixo. Na margem lamacenta, encontraram um velho touro, assustadoramente esquelético, recoberto de Berne e Carrapatos. “Ei, você?” gritou-lhe o Arurá, “alguma vez na vida, alguém já lhe retribuiu o bem com o bem?” “Bem por bem?”, retorquiu o indigente touro. “Desde que comecei a trabalhar, sempre servi fielmente ao meu dono; ainda era um bezerrinho, quando os rapazes me atrelaram a uma pequena carroça, a mim e a outros sete, e nos

obrigavam a carregar lenha da roça distante. Mais tarde, quando fiquei grande e robusto, atrelavam-me, com outros dezessete da minha espécie, a uma grande carroça tosca e, ano após ano, tínhamos que transportar cargas pesadas. Naquela época, recebia sal, mas apenas o suficiente para não emagrecer e perder as forças. Nunca pude lambar sal à vontade, como as minhas irmãs, as vacas leiteiras. Agora que estou velho, fraco e não sirvo mais para o trabalho, não recebo mais nada e morrerei à míngua. De vez em quando, quando me aproximo do cocho grande, lá onde se coloca o arreio, para lambar um pouco de sal, sou enxotado e apedrejado. Não, de jeito algum! O bem não é pago com o bem, mas sim com o mal!" "Você ouviu isso?!", disse o Arurá e continuou a nadar.

Passado algum tempo, chegaram a um pasto completamente ceifado, onde um pobre cavalo velho sofria, tentando arrancar, do pó e da areia, alguns escassos talos de capim, com os dentes já gastos e rombos. "Ei, você!", gritou novamente o Arurá. "O bem já lhe foi pago com bem?" Triste, o cavalo levantou a cabeça. "Se o bem já me foi pago com o bem? Se assim fosse, não estaria eu morrendo aqui na miséria! Desde que fiquei forte o suficiente, sempre carreguei com alegria o meu dono, mas, assim que perdi a juventude e a impetuosidade para levá-lo à cidade, puseram-me nas costas uma sela horrorosa, uma Cangalha, presa por correias de couro cru, com tanta força, que me machucaram e deixaram essas marcas brancas no meu pelo marrom. Com ela, enquanto pude suportar, carreguei muitas cargas pesadas. Naquela época, davam-me milho e a quantidade de sal necessária. Agora, que estou velho e fraco, ninguém cuida mais de mim, e, quando me aproximo da casa pedindo, humilhado, um pouco de sal, meu dono me fustiga com um chicote. Não, não. O bem não se paga com o bem, mas sim com o Mal". O Arurá continuou a nadar correnteza abaixo com seu cavaleiro, até que avistaram na margem uma raposa, que ali tinha plantado uma roça para si e que, no momento, a estava cercado. "Boa tarde,

senhora raposa”, falou-lhe o Arurá, “diga-me, a senhora acredita que o bem se deve pagar com o bem?” “O Quê?”, gritou a raposa, colocando uma patinha na orelha, para poder ouvir melhor. “Chegue mais perto, sou um pouco surda e não consigo entendê-lo bem”. “Gostaria de saber se o bem se paga com o bem”, respondeu o Arurá e nadou para mais próximo da margem. “Hã? Continuo sem entender. Chegue mais pertinho!” Mas para si mesma, pensou: “ Se o rapaz for tão burro e não aproveitar esta oportunidade para saltar para a terra, ele não merece outra coisa a não ser devorado”. O Arurá nadou para bem próximo da margem para repetir sua pergunta. Contudo, antes que ele abrisse a goela, o rapaz saltara e saíra correndo, agradecendo à raposa. Nesse momento, o Arurá percebeu que a raposa o fizera de bobo. “Espere só, você me pagará por isso!”, rosnou o Arurá.

“-O bem se paga com o bem!” gritou a raposa para o rapaz. “Qual é minha recompensa?” “Dois frangos bem gordos! Disse-lhe ele. Apareça hoje à tarde, quando o sol passar sobre a árvore Baru, lá deixo sua recompensa”. E, apressado, partiu para a festa. Mas, quando o sol baixou e alcançou a posição combinada, ele tomou uma arma emprestada. “Para quê?”, perguntaram os outros convidados. “Para matar uma raposa.” “Então, vamos acompanhá-lo”, disseram vários dos jovens. Pegaram suas armas, assobiaram para os cães e apressaram-se todos em direção à árvore Baru. Porém, a raposa, ao ouvir o latido dos cães, fugiu. “O Arurá estava certo”, pensou, “até mesmo este rapaz que se considera tão superior a nós, pobres Criaturas, não concebe que uma boa ação não deve ser retribuída com maldade”.

Passaram-se semanas, a raposa voltou à sua roça para verificar se o milho e os melões já haviam brotado. De repente, ao se aproximar da cerca, avistou lá fora o Arurá, deitado que nem morto, a goela meio aberta, permitindo ao enxame de moscas pousar sossegadamente em sua língua. Cautelosamente, a raposa passou pela cerca para ver o

“assado” de perto. Rodeou o Arurá algumas vezes, sem se aproximar muito, dizendo, então, em voz alta, mas tão alta que se o Arurá não estivesse morto poderia ouvi-la. “Que belo assado este Arurá seria, se ele realmente estivesse morto, mas não estou acreditando muito nisso, pois sempre ouvi dizer que estando um Arurá morto uma de suas pernas traseiras fica estirada para cima e, de seu ventre, exala mau cheiro”. Quando o Arurá ouviu isso, levantou rapidamente sua perna traseira e do seu corpo exalou um cheiro nauseabundo.

“Credo!”, exclamou a raposa e correu gargalhando para sua roça, enquanto o Arurá aborrecido rastejou até a água.